

Seminário 7

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Edusp, 2004. (Prólogo: A virgem das duas torres e Capítulo 1: Ventos do oeste, ventos do leste, um índio pode ser moderno?), pp. 19-51

Alunas: Maria Julia e Isabela Caroline Januário

Comentário das professoras

O seminário está bem estruturado e responde de maneira satisfatória aos pontos solicitados, tomando como ponto de partida relacionar o texto com o tema da aula: “Centro, periferia, mundialização”.

Na APRESENTAÇÃO DO AUTOR, destacam sua formação na França e indicam como uma viagem de juventude ao México o faz “encontrar” o tema de estudo que perseguirá ao longo de sua trajetória: as culturas mestiças. Seria importante buscar datar esses eventos, a formação nos anos 1970 na França e suas passagens por universidades latino-americanas.

Vale pensar que a obra de Braudel decorrente de *O Mediterrâneo, Civilização material e capitalismo*, que estava sendo publicada no período de sua formação (década de 1970), teria impacto no pensamento de Gruzinski. Ali Braudel, abordando a história da constituição do mundo moderno entre os séculos XV e XII, aponta para a necessidade de se pensar uma história conectada.

Vocês apontam esse impacto e reconhecem com propriedade na formação os ensinamentos dos Annales, mostrando como ao mesmo tempo a micro-história (que começa a ser pensada e praticada na década de 1980) também o informa (e o impacta). É fundamental pensar essa conjugação, entre a história total braudeliana e a micro-história italiana – como se a obra de Gruzinski buscasse um ponto de equilíbrio entre as duas abordagens, manejando com interesse esse “jogo de escalas”, como vocês bem notaram.

Nesse sentido, perceber o autor dialogando com a historiografia de seu tempo, permite localizar melhor os caminhos do seu pensamento, entendendo seu modo de compreensão da história e seus aportes – em relação ao seu objeto de estudo. Mas mais que isso, fazendo compreender a sua intenção de escapar de um olhar etnocêntrico – algo que também é possível de ser pensado diante das discussões da descolonização da África que se dão nas décadas de 1960 e 1970 gerando um debate (e lutas) muito importantes.

Ao olhar para a América no século XVI, Gruzinski vai flagrar a formação naquele território de uma nova cultura – híbrida – levando-o a forjar o conceito de pensamento mestiço, explorado em seu livro de mesmo nome de 2001. Isso também nos mostra o longo caminho de formalização de seu pensamento, na medida em que esse livro

aparece como uma espécie de síntese de suas pesquisas históricas e de sua vontade de intervir no debate contemporâneo, contribuindo para a discussão de um mundo que se compreendia naquele momento como global (dentro das discussões da chamada globalização ou mundialização).

Em relação à APRESENTAÇÃO DO TEXTO, vocês indicam na apresentação do livro, o tema, ou o polo que organiza a escrita - o mundo dominado pela casa real de Espanha - evidenciando que a estratégia do autor para escapar do eurocentrismo foi justamente mostrar como aquele mundo estava conectado com outros territórios. Mas mais que isso, deslocando o olhar para a América (México), pode pensar a Europa via cultura ibérica no Novo Mundo, flagrando sua formação, em diálogo não apenas com as civilizações pré-hispânicas mas também com a Ásia. Portanto, reconhece como o processo de mundialização tem início desde a Espanha, mas deslocando o olhar para o México, permite ver uma outra Europa e compreendê-la ela também diante desses influxos. (Vale conhecer o trabalho de Jerry Brotton, que recentemente trabalhou sobre a Inglaterra elizabetana – justamente na disputa com a Espanha – e em sua relação surpreendentemente amigável com o Islã...: *This Orient Isle: Elizabethan England and the Islamic World* (London: Allen Lane, 2016)).

Como SG mesmo afirma: “descentrar o olhar esforçando-se para vencer as armadilhas do etnocentrismo; interrogar os atores desses fenômenos planetários; enfim, recolocar juntas regiões, seres, visões e imaginários que o tempo separou” (p.23) – poderíamos acrescentar: que a historiografia ocidental também separou.

Esse trecho também dá pistas da sua estratégia narrativa, ao insistir nos “atores” sociais, mostrando como tais fenômenos sociais, de escala mundial, acontecem e são vividos pelas pessoas, e que selecionando-se algumas seu trabalho seria capaz de dar conta de reconstitui-los. Mas, justamente, sua escolha recai preferencialmente em, como vocês apontam, “vozes que sempre ficaram esquecidas nos estudos mais clássicos e tradicionais”. Esse recurso teria a ver justamente com a busca de escapar da armadilha mencionada acima, e permitiria explorar essa noção de mestiçagem nas suas explicações. Isso não implica descartar a compreensão da violência (da “conquista”), mas nos levaria a entender a formação desse novo espaço híbrido, mestiço.

Na descrição das partes, Prólogo e Capítulo 1, logram apresentar a estrutura narrativa e seus conteúdos, indicando o recurso empregado por Gruzinski de iniciar com um acontecimento contemporâneo para adentrar no tempo-espaço da obra. Apresentam as seções do capítulo, indicando como os vários episódios narrados vão dando conta de circular o globo. Vale notar que sua perspectiva metodológica – a partir da história conectada – aparece como uma das seções, sem estar destacada inicialmente, sem funcionar como uma moldura. Chamamos atenção disso para que vocês não deixem escapar da leitura estas estratégias narrativas. Como afinal os autores organizam seus textos? Nota-se que é aqui que a referência a Braudel é mobilizada.

Vocês apontam que o objetivo do texto é defender um olhar deslocado para a compreensão da história ocidental, ou como esse olhar descentrado (pensando-se a Europa como o centro do mundo) permite novos rendimentos. Quais sejam, a compreensão da formação de um ocidente que se forma desde essa interação, com consequências para Europa, Ásia e América, transformando aqueles três territórios e as suas sociedades. O ponto é justamente compreender essa via múltipla que se estabelece e não mais os caminhos de mão única desde Europa para os demais espaços. Reconhecer portanto os aportes e transformações também no centro. Mas, e importante dizer, sem descartar hierarquias de forças e sujeições. Isso não implicaria em desvalorizar esse mundo que de certa forma é sujeitado, mas mostrar sua reconfiguração e mesmo os seus efeitos no próprio centro.

Vale ainda destacar, na análise da relação entre método e fontes de pesquisa, o destaque dado às imagens. Pois são elas que mais “rapidamente” indicam o processo de mestiçagem, pela própria hibridização das formas. Teria sido interessante mostrar os acervos pesquisados, a partir da atenção às fontes que ele indica de suas imagens. Mas como o arquivo é parcial (apenas o capítulo) essa consideração fica apenas como um alerta para as leituras posteriores.